

Filme “Vale Abraão” volta aos cinemas para assinalar dez anos da morte de Manoel de Oliveira

written by O Cidadão | 29 de Março, 2025



O filme “Vale Abraão” (1993), de Manoel de Oliveira, baseado num romance de Agustina Bessa-Luís e inspirado em “Madame Bovary”, de Flaubert, volta aos cinemas portugueses a 02 de abril, quando passam dez anos da morte do cineasta.

De acordo com a Nitrato Filmes, “Vale Abraão” regressa às salas de cinema na versão integral e restaurada pela Cinemateca Portuguesa, com sessões no Porto, Coimbra e em Lisboa.

Estão previstas sessões especiais na próxima quinta-feira no Cinema Trindade (Porto), na Casa do Cinema de Coimbra e no cinema Nimas (Lisboa), precisamente no dia em que se cumpre

uma década após a morte de Manoel de Oliveira, aos 106 anos.

“Vale Abraão” é “um filme ‘sensualista’, dominado pelas cores, os perfumes, as atmosferas, e pela presença majestosa do rio Douro. Um filme central na obra de Oliveira, com uma ‘mise en scène’ majestosa e magistral”, refere a Cinemateca Portuguesa na página oficial.

O filme, baseado em “Vale Abraão”, de Agustina Bessa-Luís, produzido por Paulo Branco, **passa-se no vale do Douro, onde Ema (a atriz Leonor Silveira) “é educada numa atmosfera de grande sensibilidade poética”.**

“Torna-se numa mulher bela e sensual com um irresistível gosto pelas ficções românticas, que acaba por nunca conseguir encontrar plena satisfação junto dos homens, desde logo casando com um médico que nunca amou. Na sequência de uma intensa vida social, Ema vai envolver-se com três homens sempre numa constante busca de paixões, luxo e desafios”, refere a sinopse partilhada pela Nitrato Filmes.

Além de Leonor Silveira, o filme conta com interpretações de Diogo Dória, Luís Miguel Cintra, Isabel Ruth, António Reis, João Perry, Glória de Matos, entre outros.

“Vale Abraão” foi exibido em maio de 1993 na Quinzena dos Realizadores, no Festival de Cinema de Cannes, em França, e voltou a este festival trinta anos depois, em 2023, numa homenagem a Oliveira, com a atriz Leonor Silveira a surgir no cartaz oficial daquele programa paralelo.

Manoel de Oliveira, que nasceu no Porto em 1908 e viveu mais de um século acompanhando a própria história do cinema, chegou a ser o mais velho realizador do mundo em atividade.

“Douro, Faina Fluvial”, uma curta-metragem documental sobre a vida nas margens do rio Douro, foi o primeiro filme que rodou, então com 23 anos, com uma câmara oferecida pelo pai.

O último filme, **“O velho do Restelo”** (2014), já foi filmado no jardim próximo de casa, no Porto, com quatro atores de eleição: Luís Miguel Cintra, Ricardo Tropa, Diogo Dória e Mário Barroso.

Após a morte de Manoel de Oliveira foi exibido o filme **“Visita ou memórias e confissões”,** que o cineasta rodou em 1982, para

ser mostrado publicamente só depois de morrer.

A filmografia inclui obras como **“Aniki-Bobó”** (1942), **“O Acto da Primavera”** (1962), **“Amor de Perdição”** (1978) e **“Francisca”** (1981), **“Non, ou a Vã Glória de Mandar”** (1990), **“Viagem ao Princípio do Mundo”** (1997).

Em 2008 festejou cem anos de vida rodeado de técnicos e atores, enquanto filmava em Lisboa **“Singularidades de uma rapariga louca”**, e recebeu a **Palma de Ouro de Carreira em Cannes**, um prémio que se junta ao **Leão de Ouro de carreira que Veneza lhe entregara em 2004**.

Em 2013, em entrevista à revista francesa Cahiers du Cinema, Manoel de Oliveira deixava um lamento: ***“Eu penso que no país há uma grande indiferença pelo que já realizei. Tanto faz que o meu cinema exista ou não exista”***.

OC/LUSA/MP

FOTO | LUSA